O DISCURSO SOBRE A GUERRA DE QUINTA GERAÇÃO

Cristiane Helena Parré Gonçalves*

RESUMO: *Esse artigo pretende analisar a Guerra das Guerras, considerada a Guerra de Quinta Geração apresentada no livro “Operação Retomada, a realidade superando a ficção”, escrita por Marcelo Rossi. Teremos como pressupostos teórico-metodológicos a análise do discurso de linha francesa, que nos possibilita uma abordagem interdisciplinar, articulando o texto às condições sócio-históricas de produção do discurso. Marcelo Rossi é um estudioso das relações históricas globais apresentando uma visão ampla de como ocorreu a globalização no mundo e quem são as famílias que detém o poder para subjugar a população mundial. Essa obra surge no campo da política, fazendo com que os coenunciadores passem a olhar o jogo político que vem sendo desenhado durante algumas décadas.*

ABSTRACT: *This article intends to analyze the War of Wars, considered the Fifth Generation War presented in the book "Operation Resumed, reality overcoming fiction", written by Marcelo Rossi. We will have as theoretical and methodological assumptions the discourse analysis of French line, which allows us an interdisciplinary approach, articulating the text to the socio-historical conditions of discourse production. Marcelo Rossi is a scholar of global historical relations, presenting a broad view of how globalization occurred in the world and who are the families that hold the power to subdue the world population. This work appears in the field of politics, causing co-announcers to start looking at the political game that has been designed for some decades.*

PALAVRAS-CHAVE: Discurso político, discurso de opinião, Guerra das Guerras

KEYWORDS: Political speech, opinion speech, War of Wars

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de estudar o discurso sobre a Guerra de Quinta Geração, ou a Guerra das Guerras que foi chamada pelos estrategistas militares como a guerra na mente humana, pois não precisa se utilizar de um arsenal bélico para destruir o coenunciador, mas somente de ataques verbais, morais, desmoralizantes, levando-o a tirar das pessoas, ou da sociedade de um modo geral, o sentimento de patriotismo e a vontade de lutar.

De acordo com Rossi (2020) para retirar o mundo das mãos dos donos do poder, ou seja, os bilionários financistas, os banqueiros e a esquerda política comunista, que havia dominado vários países levando o comunismo e o terror mundo afora, militares de vários países, entre eles os do Brasil e os dos Estados Unidos da América, tiveram que recuar

por um período de tempo para que pudessem se organizar e criar uma guerra que pudesse mostrar à sociedade, de forma geral, “como os comunistas são criminosos, larápios, traidores e que a tal justiça social é apenas um devaneio embutido no dispositivo moral do criminoso dos donos do mundo” (ROSSI; 2020, p. 8).

Mas como criar essa tal guerra? Nos dias atuais, muito simples, as redes sociais e a mídia alternativa são os porta vozes que possibilitam a interação sobre vários pontos de vista, uma vez que a internet leva os enunciadores e coenunciadores, de maneira geral, o acesso as informações e quais as políticas que estão sendo realizadas em vários países, principalmente aqueles que são dominados por um governo tirânico e ditador, como é o caso da Venezuela, Cuba entre outros.

Ao facilitar o acesso às informações, muitos poderosos, principalmente os donos do poder, se sentiram ameaçados, pois o discurso do politicamente correto já não é mais visto como realmente o mais coerente, coeso, uma vez que várias máscaras começaram a cair. É nesse sentido que buscaremos verificar como esse tipo de discurso influencia o ponto de vista do ser humano, já que a guerra de opiniões leva a sociedade buscar um lado que melhor representa o seu ponto de vista.

Partindo desse ponto de vista, buscamos suporte teórico metodológico na Análise do discurso de linha francesa, mais precisamente em Maingueneau, que nos subsidiará o presente trabalho, uma vez que língua e discurso sempre tiveram o poder de manipular a sociedade, de um modo geral.

De acordo com vários estudiosos, a língua sempre os intrigou, pois é por meio dela que o homem procura expressar seus pensamentos e sentimentos no intuito de registrar os seus feitos buscando mostrar as suas conquistas, as suas vitórias, nos inúmeros discursos que circulam na sociedade.

Por ser um fato social, em que se concretiza uma modalidade peculiar de cada comunidade ver e representar o mundo, a língua permite uma veiculação de ideias e de experiências que a constitui em uma sociedade. Nesse sentido, ela acaba funcionando como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, pois torna-se um veículo de difusão da cultura e da ideologia.

Sabemos que a língua sempre foi objeto de estudo, partindo de Saussure, que estabeleceu a diferença entre língua e fala, privilegiando a língua como um fato social.

No entanto, para Benveniste (1989), além de a língua apresentar um fato social, ela permite analisar a cultura de um determinado lugar, pois ela carrega consigo uma herança da sociedade em que o homem está inserido.

Por sermos de natureza seres históricos, buscando sempre analisar nossas raízes e a realidade que nos cerca, produzimos discursos o tempo todo, pois além de dominarmos a gramática da língua, dominamos também os conhecimentos extralinguísticos, uma vez que interagimos em diversos setores da sociedade.

Como o discurso é usado a todo o momento, a principal razão para desenvolver esse trabalho em AD é o fato de o mesmo ser visto como um processo de interação social, pois é por meio dele que o coenunciador pode se expressar, construindo sentidos que o cercam.

Assim, o discurso é utilizado a todo o momento pelo ser humano, pois ao se comunicar o enunciador e o coenunciador expressa seus pensamentos e sua ideologia.

Isso quer dizer que os recursos linguísticos têm a capacidade de influenciar e orientar as percepções e pensamentos; e que o enunciador e o coenunciador, ao estar no mundo, pode permitir ou vetar determinados conhecimentos e experiências. Na verdade, percebemos muitas vezes que o homem não tem consciência de como pode ser manipulado pela língua o tempo todo, pois o discurso tem o poder de criar e destruir efeitos de sentido a todo instante, ou seja, o enunciador ao se expressar, pressupõe que o seu coenunciador tenha uma competência comunicativa para ser entendido. Nesse sentido o discurso é visto como uma ação, que sofre transformações a todo o momento, pois o discurso é um ato social que apresenta implicações, conflitos, relações de poder, etc.

Assim, além da análise do discurso estudar o aspecto social da linguagem, ela privilegia o lado histórico que enfoca as condições de produção que esse discurso foi produzido, isto é, ela analisa o contexto histórico-social, os seus interlocutores, o lugar de onde falam qual a imagem representada por cada falante, além do assunto que está sendo abordado.

Dessa forma, Maingueneau (2013, p. 58) argumenta que a noção do discurso é muito utilizada por ser *o sintoma de uma modificação em nossa maneira de conceber a linguagem*. Essa maneira de caracterizar o discurso decorre de algumas correntes das ciências humanas sob o nome de pragmática que vê o discurso como uma apreensão da comunicação verbal.

Maingueneau (2008) argumenta então que *o termo discurso é um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação*, pois ele é construído com uma finalidade em um determinado lugar. Assim, todo discurso traz em si uma intenção, uma vez que ele procura agir sobre o outro, carregando valores de verdade de um determinado grupo ou instituição social. Por ser interativo, o discurso também parte de outro discurso, pois cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas.

Dessa forma os gêneros “são considerados dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão sempre mudando e os quais podem ser

facilmente aplicadas metáforas como contrato, ritual e jogo” (MAINGUENEAU, 2010, p. 130).

Na verdade, os gêneros não são esquemas textuais empregados em uma necessidade de enunciação, mas são construídos em um contexto histórico, surgindo em variados ambientes enunciativos de acordo com as suas necessidades. Portanto, os gêneros do discurso estão inseridos nos diversos setores da sociedade, seja na escola, em um sermão, um livro etc. Sua organização ocorre de acordo com as condições de produção da coletividade, ou seja, são nos diversos setores sociais em que os gêneros do discurso se manifestam.

Os diversos tipos de discursos apresentam uma grande variedade de gêneros que, embora sejam concebidos historicamente, apresentam um caráter menos volátil em relação ao tempo. Portanto, o gênero tem uma força reguladora que está presente e atuante no discurso, estabilizando uma produção discursiva, além de ligar o enunciado a um determinado lugar social.

Trabalhar com a categoria de gênero do discurso é ampliar novos horizontes e novas fronteiras com o intuito de compreender e viabilizar novas abordagens que possibilitam explicar uma melhor maneira de utilizar o uso da linguagem dentro de uma prática social específica. Assim, vários são os estudos que abordam os gêneros do discurso, uns optam pela natureza da linguagem, outros por um olhar mais específico nas sequências textuais, e outros observam a relação enunciativo-discursiva do uso da própria linguagem.

Como todo discurso é construído a partir da influência de outros discursos, nem sempre pertencente a um único campo discursivo, torna-se impossível dizer que determinados temas sejam impostos por uma única instituição social.

Ao dizer que um discurso parte de outro discurso é trazer para o debate a heterogeneidade enunciativa, uma vez que um discurso sempre parte de um outro anterior para se constituir, ou seja, a interdiscursividade. Essa heterogeneidade apresenta-se de forma mostrada ou constituída. A primeira relaciona-se aos aparelhos linguísticos, como: discurso citado, autocorreções, palavras entre aspas, elementos que deixam evidente a presença do outro no discurso. Já a segunda, refere-se às marcas invisíveis do enunciado de outro que está ligada ao texto, mas que não pode ser percebida por uma abordagem linguística. A hipótese apresentada por Maingueneau é que essa heterogeneidade constitutiva se liga a uma relação inextrincável, “o Mesmo do discurso e seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 32).

Observa-se então que o homem constrói seus discursos sempre por meio de outros discursos, olhando, dessa forma, através dos olhos dos outros.

Com o intuito de ampliar a relação da prática enunciativa e da prática social, além da noção de formação discursiva e formação histórica, Maingueneau (2008) postula o

primado do interdiscurso. De acordo com o analista, o interdiscurso precede o discurso, uma vez que é impossível conhecer uma prática social constante em uma prática enunciativa sem conhecer outros discursos que dialogam com aquele em análise. Assim, o diálogo de um discurso com o outro, na prática enunciativa, deve ser observado levando em consideração um sistema de restrições e coerções globais, pois é por meio da interdiscursividade que se encontra um espaço de conflito entre diversas formações discursivas, possibilitando ao analista analisar o discurso.

Essa relação aos vários discursos Maingueneau chamou de campo discurso e dividiu-o em três: o universo discursivo, que consiste em um conjunto de formações discursivas que interagem em todos os tipos numa situação dada, ou seja, cabe ao analista observar os efeitos de sentido possíveis de um processo enunciativo, inserido em um posicionamento e formação discursiva delimitada. É dentro do universo discursivo que há uma abertura para delimitar os campos discursivos, cabendo ao analista escolher o que analisar.

Por campos discursivos, pode-se entender um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, em uma região delimitada do universo discursivo. Essa concorrência pode ser entendida como um confronto entre discursos que tem a mesma função social e contribui para ampliar as múltiplas redes de trocas.

É dentro do campo discursivo que o discurso é constituído, no entanto, por ser heterogêneo ele não se constitui da mesma forma, apresentando discursos dominantes e dominados que não estão nos mesmos planos, mas em concorrência.

Dessa forma, há a necessidade de isolar esses discursos em espaços discursivos, que são formados por subconjuntos de formações discursivas que o analista ressalta ser a mais importante. O outro, no espaço discursivo, se encontra juntamente com o mesmo descentrado em relação a si próprio.

Essa heterogeneidade discursiva revela que todo enunciado discursivo tem um lado direito e um avesso que são indissociáveis, que se relacionam na própria formação discursiva.

Assim, é no primado do interdiscurso que os discursos são realizados, pois permite analisar a rede semântica que “coincide com a definição das relações desse discurso com seu outro” (MAINGUENEAU, 2008, p.35 -36).

Esse outro se encontra na raiz de um mesmo e não há necessidade de ser localizável no discurso, “ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo”, ou seja, ele “é aquela parte do sentido que foi necessário o discurso sacrificar para construir a própria identidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 38).

É dessa interação que ocorre o caráter dialógico de todo enunciado do discurso, pois o imbricamento do mesmo e do outro faz com que a coerência semântica seja retirada das formações discursivas todo caráter de essência.

Assim, as formações discursivas não são estanques, mas ela possibilita derivar de um sistema primeiro criando vários discursos. O espaço discursivo pode ocorrer em um duplo estatuto, pois pode.

“Apreendê-lo como um modelo dissimétrico que permite descrever a constituição de um discurso, mas também como um modelo simétrico de interação conflituosa entre dois discursos para os quais o outro representa totalmente ou em parte seu outro” (MAINGUENEAU 2008, p. 40).

Portanto, é no espaço discursivo que ocorre uma interação conflituosa entre dois discursos ou mais, em que um faz parte do outro e vice-versa. Essa disputa faz com que os discursos entrem em concorrência, prevalecendo um sobre o outro. Porém, esse discurso não desaparece, mas recua para a periferia, pois seus suportes não se dissipam brutalmente, uma vez que a área semântica o recobre total ou parcialmente.

Como o homem constrói seu discurso o tempo todo, as redes sociais, mais precisamente Facebook, Instagram, Twitter, YouTube e outras plataformas, alimentam o discurso a todo momento, facilitando o acesso a informações a todo instante, pois a todo momento novas notícias são postadas alimentando uma rede de comunicação em tempo real, que contribui para que os coenunciadores possam saber o que está acontecendo no mundo todo.

Para Marcelo Rossi (2020) a arma mais poderosa da Guerra de Quinta Geração foi a liberação da internet pelo Pentágono para que todos os militares americanos pudessem falar com suas bases em tempo real de qualquer lugar do planeta. Como esses militares perceberam que o acesso a internet facilitava a comunicação entre seus pares, resolveram liberar para toda a sociedade, possibilitando que todos os meios de comunicações normais como: a televisão, o rádio, o jornal, revistas e agências de notícias, todos manipulados e vendidos para os bilionários, donos do poder, pudessem ser confrontados com as mídias das redes sociais.

Vemos então que as redes sociais como o Facebook, Instagram, Twitter, YouTube possibilitam organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face das tentativas de repressão e censura que os governos ditatoriais impõe aos seus indivíduos.

Assim, várias são as notícias todos os dias, mostrando como a internet possibilita o acesso as diversas sociedades espalhadas no mundo todo, como podemos ver a seguir:

Imagem 1

Na imagem acima vemos que a deputada Caroline de Toni apresenta bem a questão da Guerra de Quinta Geração uma vez que em seu discurso apresenta aquilo que falávamos sobre a organização de determinadas pessoas, ou melhor, determinados grupos sociais não quererem que os coenunciadores participem das atividades desenvolvidas no país.

Sabemos que antes das eleições de 2018, a população estava amordaçada e com medo de se manifestar e ir as ruas lutar pelos seus direitos, pois só um grupo detinha o poder e impunha suas ideias e suas maneiras de se manifestar.

No entanto com a mudança do governo, de esquerda para a direita, muitas pessoas se sentiram à vontade para ir as ruas, manifestar suas opiniões nas redes sociais, incentivando e procurando alertar tudo o que vem ocorrendo dentro do país, como por exemplo a questão do aborto, as escolas sem partido, a liberação da maconha, a destruição da família, etc...

No caso da deputada Caroline de Toni, observamos que ao enunciar o seu discurso a mesma utiliza estratégias para chamar a atenção do coenunciador. A foto do enunciador em primeiro plano e logo em seguida uma outra foto apresentando as cores da bandeira nacional, um pato e a população em determinado lugar para a manifestação de seus direitos. Apresenta uma cenografia com o intuito de chamar os coenunciadores a prestar a atenção à sociedade com o intuito de lutar por seus direitos, ou seja, incentiva os coenunciadores a se expressarem contra a ideologia que vinha sendo adotada por uma determinada classe social.

Por ideologia podemos entender como um processo de organização que está a serviço da prática discursiva ou da sociedade, como podemos ver na seguinte fala: “A Guerra Cultural contra o Conservadorismo”.

Portanto, podemos verificar que todo discurso apresenta uma ideologia, e as redes sociais têm apresentado isso claramente com o intuito de mostrar os dois lados de uma mesma moeda. A chamada da deputada Caroline De Toni busca atrair e prender a atenção do coenunciador que passa por fortes pressões sociais que é uma característica desse mundo globalizado.

Logo, ao apresentar o seguinte discurso: Nós, conservadores, somos a maioria silenciosa que agora tem de voz”; busca validar uma ideologia conservadora, que foi calada por um governo liberal que tinha o intuito de destruir todos os valores cristãos do qual a sociedade brasileira vinha passando. Assim, a deputada incentiva os coenunciadores a se manifestarem em seus discursos, uma vez que milhares de brasileiros preservam a família, a vida, a liberdade de expressão e os direitos de uma sociedade democrática como apresenta nossa Constituição em seu artigo primeiro parágrafo único que “todo poder emana do povo” (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, 2020).

Imagem 2

Na imagem 2 observamos que o discurso não pode mais ficar maquiado e trancafiado pelos canais de televisão e jornais que são comandados pelos donos do poder, muito pelo contrário, agora a população tem acesso aos mais diversos canais da internet, possibilitando ampliar o espaço discursivo, em uma interação conflituosa, como apresentado na figura 2.

Os coenunciadores ao perceberem que foram manipulados por uma pandemia que levou milhares de pessoas à morte, sentem-se revoltados ao descobrir que foram feitos de refém

por uma situação criada pelos donos do mundo, ou seja, aqueles que manipularam e obrigaram a população a ficar em casa, tirando a liberdade de ir e vir e os seus empregos.

Logo, ao perceberem que foram feitos de “pato” ou de bobos, e, cansados de serem massacrados e feitos de massa de manobra pela elite global, explodem em manifestações pelo mundo afora, descobrindo que se não forem à luta, para preservar a sua dignidade, e os seus direitos, ficarão refém de um governo que irá impor todas as regras do que deve ser feito ou não, como ocorreu com o caso da pandemia, uma vez essa é a intenção dos donos do poder, ou seja, exterminar metade da população do planeta e os que sobraem, serem escravos ou submissos desse governo global, perdendo enfim seus direitos e a sua própria liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o intuito de discutir a Guerra de Quinta Geração, ou melhor, a Guerra das Guerras que é travada na mente humana, como foi apresentado pelas figuras analisadas durante o trabalho.

Para realizar a Guerra das Guerras os militares, precisamente os militares dos Estados Unidos da América, juntamente com os militares ocidentais, por meio de suas agências de informação, alimentaram fartamente as redes sociais com diversos discursos, principiando os discursos políticos a todo momento, pois qualquer cidadão com um celular e uma rede social ficaria sabendo quais as principais notícias e como os países, de forma geral, atuavam e atuam em todo planeta.

Um outro dado importante é que qualquer coenunciador com um celular em mãos se torna uma pessoa importante, uma vez que ele pode filmar, fotografar e apresentar, nas redes sociais, o que de importante está acontecendo em seu país, como foi o caso das duas figuras analisadas.

Assim, percebemos que o acesso à internet e as redes sociais contribuíram muito para que a sociedade percebesse como vinha sendo manipulada a mente das pessoas de uma forma geral por uma determinada classe social, já que a população tinha somente um ponto de vista.

Observamos então, que as redes sociais contribuíram para que alertasse a população do que vinha ocorrendo no mundo todo e como os coenunciadores, ou a população, de forma geral, são manipulados a todo momento pela mídia dita oficial, desviando o foco do que ocorre em todo o planeta.

Percebemos então que a Guerra de Quinta Geração, ou a Guerra das Guerras veio para buscar e mostra a toda a população como os poderosos tentaram, tentam e desejam escravizar a população.

Portanto, o que esses poderosos não levaram em consideração foram os discursos alimentados pela Inteligência Militar Ocidental que atuou na mente humana, desfazendo todas as armadilhas criadas pelo sistema globalizado. Logo, o que contribui para a vitória nessa guerra são as informações consistentes que alimentam as redes sociais todos os dias, colocadas à disposição de toda a sociedade, mostrando a armadilha a qual todos, ou seja, todas as sociedades estavam sendo levadas a aderir a sua política.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth.(org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2, ed., São Paulo: Contexto, 2013.
- BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas:UNICAMP,2012.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Gênese dos Discursos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 1989.
- _____. **A Propósito do Ethos**. In Motta, Ana Raquel & Salgado, Luciana. *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-30.
- _____.Dominique. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAZIÈRE, Francine. **A Análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola,2007.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Interpretação – Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: SP Pontes, 2005.
- _____. **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Sao Paulo: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª ed., Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. **Análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. 2.ed., Curitiba: Criar, 2004.

ROSSI, Marcelo. **Operação retomada, a realidade superando a ficção**. 2020.

* Pós doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)